



Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

O que divide o G-20?

Os Estados Unidos pretendem promover políticas de estímulo fiscal, com aumento de gastos públicos e cortes de impostos. Os americanos têm apoio explícito da China e da direção do FMI. Poucos países têm aderido a esta iniciativa.

Entre os países que mais destinaram recursos públicos, como porcentagem do PIB (acima de 5%), para estimular a economia estão a África do Sul, os EUA, China, Vietnã, Singapura, Japão, Brasil, Rússia, Polônia e Hungria.

Nos EUA o principal problema é restaurar liquidez do mercado financeiro e de crédito. Na Europa, a dor de cabeça é a alta alavancagem dos bancos europeus internacionalizados. Essa diferença tem gerado posições divergentes no tratamento da crise atual.

Americanos e europeus têm prioridades distintas

A posição americana enfatiza a necessidade de estimular a economia e evitar a recessão a todo custo. Para os europeus o principal problema a ser atacado é o da regulamentação financeira. Essa diferença de enfoques refletiu-se no comunicado dos ministros de finanças do G-20, divulgado ao final da semana passada, onde as partes reconheceram a urgência de estimular a economia e, simultaneamente, de regulamentar e fiscalizar o sistema financeiro de modo mais severo.

Expediente

Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 3. Quinta-feira, 19 de março de 2009.

Colaboraram neste número: Marcelo Barroso Lacombe (coordenador), Marcos Pineschi e Bernardo Estellita Lins.

O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

Ainda que um compromisso pareça ter sido atingido nestes pontos, algumas divergências persistem. Os EUA pretendem aumentar significativamente a participação de organismos internacionais nas ações anticrise. Para tanto, propõem aumentar os fundos de programas de assistência do FMI, dos atuais 50 bilhões de dólares para 700 bilhões. A Europa concorda com um aumento para 500 bilhões. E países emergentes como Índia, China e Brasil querem aumentar seu poder decisório nesses organismos.

Apesar deste aumento da capacidade financeira do FMI ser visto como positivo, muitos analistas observam que os procedimentos burocráticos do organismo internacional podem gerar lentidão na solução de crises nacionais específicas, criando dificuldades especialmente para países emergentes e levando-os a preferir acordos bilaterais para sua solução.

Analistas ainda permanecem céticos sobre a possibilidade de coordenação de países emergentes, EUA e Europa em torno de medidas contra a crise. Apesar da pressa, o debate está apenas começando.

Queda na produtividade industrial

A pesquisa industrial mensal do IBGE já havia detectado uma acentuada queda na produção, da ordem de 17,1%, no período de outubro de 2008 a janeiro de 2009.

Mais recentemente, ao divulgar os dados relativos ao emprego no setor industrial, constatou-se que a redução do número de horas pagas nesse período foi menos intensa, de 3,4% (os dados citados são dessazonalizados).

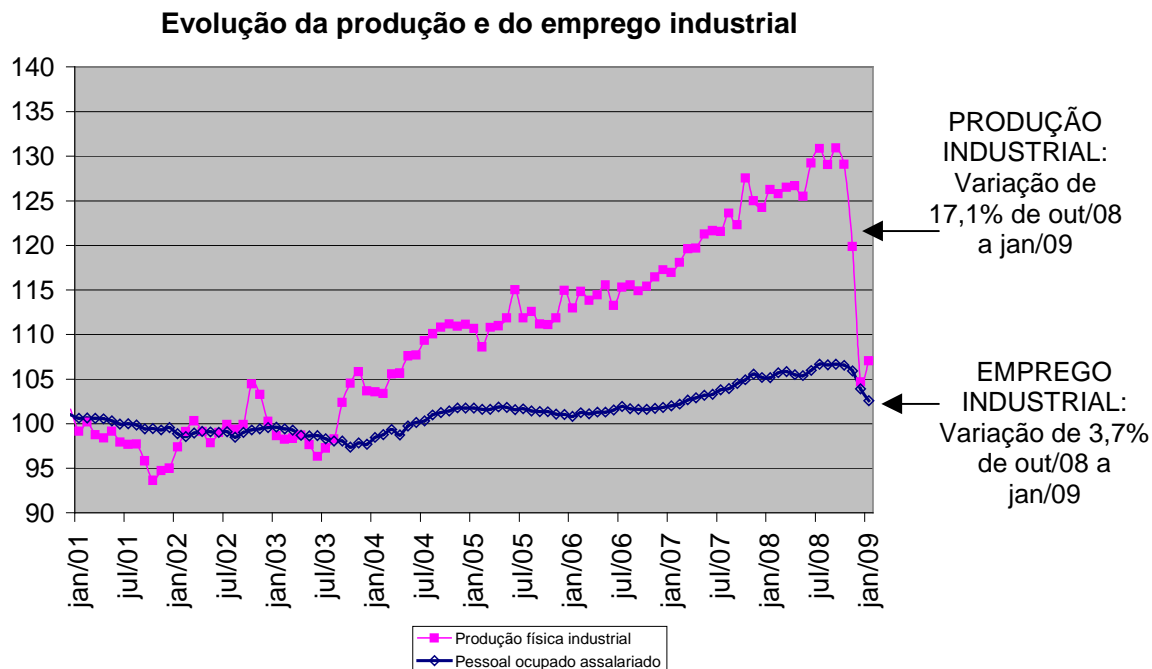
Ao reduzir significativamente a produção sem cortar, na mesma intensidade, o número de horas pagas, a indústria convive com uma queda na produtividade, uma vez que, proporcionalmente, utiliza-se de uma quantidade maior de trabalho por unidade de produto.

Produtividade vem diminuindo desde outubro

O comportamento sazonal revela uma produtividade mais baixa no primeiro trimestre e uma recuperação nos demais meses de cada ano. Todavia, em 2008 observa-se uma queda pronunciada de 10,4% no último trimestre, o que não é usual. Adicionalmente, considerando-se o comportamento do período de três meses entre outubro de 2008 e janeiro de 2009, a queda é ainda maior, chegando a 17,7%.

Desta forma, as demissões e a redução da folha de pagamento na indústria não estão acompanhando o ritmo de queda na produção. Embora os custos trabalhistas de dispensa da força de trabalho sejam elevados, esse comportamento faz sentido, sob a lógica empresarial, se as expectativas do

setor apontarem para uma recuperação da produção no curto prazo. Em caso contrário, por maiores que fossem os custos trabalhistas associados, a decisão empresarial seria no sentido de aprofundar os cortes de pessoal.



Enquanto isso, no varejo...

O IBGE divulgou na semana passada a Pesquisa Mensal de Consumo, com resultados alentadores. O volume de vendas no varejo cresceu 1,4% em janeiro, revertendo uma tendência de três meses de queda. Essa recuperação é consistente, alcançando sete das dez atividades pesquisadas.

O indicador, porém, deve ser visto com cautela. O choque da crise internacional na economia brasileira provocou uma queda muito forte da produção e afetou negativamente o comércio no último trimestre de 2008. O ajuste observado em janeiro é, portanto, uma acomodação que poderá ser sucedida de pequenos recuos e de novas recuperações. É uma flutuação natural, como ondas provocadas por uma pedra lançada em um lago...

Prós e contras

Parte dessa recuperação deve-se à queima dos estoques de 2008. Dois aspectos positivos são, porém, claros. Por um lado, a retomada do crédito ao

consumidor, responsável pelo aumento das vendas nos segmentos de vestuário e calçados e de móveis e eletrodomésticos. E, por outro lado, contribuindo para o indicador ampliado, o empurrão do governo para o setor automotivo, com a redução de impostos.

Volume de vendas do comércio varejista (indicadores ajustados)

| Atividade | Variação | | | Acumulado 2008 |
|--|----------|--------|---------|-------------------|
| | nov/08 | dez/08 | jan/09 | |
| 1 Combustíveis e lubrificantes | -1,2 % | -1,1 % | -0,7 % | 3,8 % |
| 2 Alimentos, bebidas e fumo | 0,3 % | 0,6 % | 0,3 % | 7,0 % |
| 3 Tecidos, vestuário e calçados | -5,2 % | 0,9 % | 2,2 % | -4,7 % |
| 4 Móveis e eletrodomésticos | -3,5 % | -4,8 % | 7,1 % | 6,3 % |
| 5 Farmac., medico-hosp. e perfumes | 1,6 % | -0,9 % | 0,8 % | 8,9 % |
| 6 Mat. escrit., informática e telecom. | -8,3 % | 8,9 % | -12,5 % | 15,4 % |
| 7 Livros, periódicos e papelaria | 1,3 % | 2,9 % | 7,6 % | 23,3 % |
| 8 Artigos de uso pessoal | -2,0 % | -3,5 % | 5,8 % | 5,0 % |
| 9 Automotivo | -4,0 % | 4,2 % | 11,1 % | -0,3 % |
| 10 Material de construção | -2,7 % | -5,9 % | -2,8 % | -12,5 % |
| | | | | |
| Comércio varejista (1 a 8) | -1,1 % | -0,4 % | 1,4 % | 6,0 % |
| Ampliado (1 a 10) | -2,2 % | -3,5 % | 5,8 % | 2,8 % |

Fonte: IBGE/PMC (janeiro de 2009)

Também facilita essa recuperação o fato da população brasileira ser pouco endividada em comparação com a de outros países. O crédito direto do lojista ao consumidor, muito difundido no Brasil, é também outro vigoroso motivo de estímulo.

No entanto, outros fatores importantes para a retomada das vendas seguem em baixa. As expectativas dos consumidores e da indústria ainda não melhoraram, refletindo o desânimo da população com a crise e o temor pela perda de empregos. E a redução do PIB observada nos últimos meses deverá, ainda, ter algum efeito retardado sobre o comércio.

Em relação a janeiro de 2008, o comércio varejista cresceu cerca de 6%, acompanhando o desempenho da economia nos primeiros trimestres. As vendas de tecidos, vestuário e calçados são as únicas a apresentar queda de volume apreciável em 2008.